

A PERSPECTIVA DA MANIFESTAÇÃO ONÍRICA FRENTE À OBRA: "O SONHO DE UM HOMEM RIDÍCULO" DE FIODOR DOSTOIÉVSKI NO CENÁRIO INCONSCIENTE DO MELANCÓLICO

Sanção Ramalhado Medeiros¹

RESUMO: Freud vem por meio de suas obras realizar uma divisão do que seria as estruturas da personalidade humana, a dividindo em três: neurótico, psicótico e perverso. Na estrutura psicótica se encaixa o sujeito melancólico(embora também possa ser vista como uma estrutura de personalidade própria), que em sua obra foi encarnado na imagem de personagens da literatura a exemplo do Hamlet, de Willian Shakespeare. Em seu texto "Luto e Melancolia", Freud resgata novamente a figura do melancólico, como alguém que possui um "ego" empobrecido, frágil e com alta degradação pessoal, em virtude de uma perda do objeto de canalização da libido. O presente trabalho buscou analisar se esse quadro se encaixa presente também no personagem da obra em questão, a qual esse trabalho se dispõe a análise através da representação onírica do caso fictício da obra "O sonho de um homem ridículo"(do autor russo Fiodor Dostoiévski), na forma de leitura e análise da obra, que nos leva a compreensão aos olhos da psicanálise da relação do melancólico consigo e seu tempo.

Palavras-chave: Freud. Psicanálise. Dostoiévski.

1 Introdução

O presente trabalho realiza a análise de uma obra literária perante o olhar da psicanálise, o escrito analisado mescla elementos fantásticos com a realidade áspera da Rússia do século XIX, descrita por Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (Carvalho, 2018). No presente artigo, se atenta à investigação e análise da formação onírica realizada pelo personagem locutor retratado no livro, a fim de analisar os processos inconscientes e sua relação para com a melancolia (Carvalho, 2018).

Por meio disso se pode lançar uma luz sobre o ponto de vista da psicanálise na interação que ocorre no processo onírico descrito no conto, por parte do protagonista (o conto se dá em uma narração em primeira pessoa), usando o método de associação livre, em virtude do mesmo ser narrador personagem, e apresentar de forma onipresente as duas realidades em que se passa a obra, no sonho e na narrativa de sua vida social no estado de vigília a priori e a posteriori o sonho (Carvalho, 2018).

Se pode por meio da discussão, atentar-se a responder não somente se existe uma

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos - UNIFIP

relação entre a obra e a psicanálise, assim como o que a formação onírica revela dos processos conscientes e inconscientes do personagem em seu comportamento em sociedade (Freud, 1974). E em virtude de sua natureza melancólica, se seria o despertar lúcido para a natureza de sua realidade um meio que lhe permite mudar a sua atitude frente ao seu comportamento em sociedade (Freud, 2021).

Ao longo do artigo se levanta a preocupação em responder se o abraço a natureza trágica da realidade descrita no livro, que por sua vez foi inspirada no contexto da Rússia em 1877, marcada por uma epidemia de suicídios e predominância do niilismo europeu, poderia repercutir com tal racionalização por parte do personagem em justificar seu comportamento desperto e agora envolto de uma perspectiva religiosa. Tendo como base a obra *totem e tabu*, de Freud, que alega que o mecanismo de defesa da “racionalização”, veio a se expressar nos filhos do pai da horda, como a criação inconsciente de um “totem”. Essa “racionalização” presente no personagem do livro, que se retrata como metáfora no sonho, demonstra que tal qual o suicídio como fuga do ridículo frente à melancolia, essas e muitas outras nuances que se encontra na obra em torno do pensamento de Freud e sua forma de filosofia, são de extrema relevância para compreensão da obra, assim como o livro é relevante na compreensão da atualidade, levando em consideração a crise contemporânea, com índices alarmantes no número de suicídios. Um melhor refletir sobre a natureza desta obra em nosso mundo contemporâneo, se justifica perante a contribuição do dialogo realizado com a atualidade, seja no dilema do suicídio, ou da melancolia em tempos difíceis em suas muitas esferas sociais (Costa, 2021).

No começo me parecia sempre que, em compensação, tinha havido muita coisa antes, mas depois intuí que antes também não tinha havido nada, apenas parecia haver, não sei por quê. Pouco a pouco me convenci de que também não vai haver nada jamais. Então de repente parei de me zangar com as pessoas e passei a quase nem notá-las. De fato isso se manifestava até nas mínimas ninharias: estou, por exemplo, andando na rua e vou dando encontrões nas pessoas. E não era por andar mergulhado em pensamentos: sobre aquilo que eu tinha para pensar, já então cessara completamente de pensar_ tudo me era indiferente (Dostoiévski, 2011, p. 93).

O protagonista da estória, o homem dito “ridículo”, se enquadra em um estado de melancolia e indiferença para com a realidade e os demais que partilham dela. Essa

melancolia é fruto de um luto interno, que no caso específico do personagem é precedente da morte de seu deslumbre de sentido pré-existente da criação que ao findar, leva consigo a perspectiva de sentido futuro, o mesmo não recorre a idéias de uso fruto das experiências empíricas voltadas aos gozos do cotidiano a exemplo de relacionamentos afetivos ou ambições de riqueza, o mesmo não encontra fundamento ou desejo de tais buscas (Freud, 2014).

O melancólico é aquele que realiza essa transformação do luto em uma postura que Freud vem descrever como sendo essa “alma melancólica” que em parte vem a ser um super-sintoma, assim como uma posição crítica a realidade, algo mais que comum na sociedade, sendo o marco de algo que se perdeu no sujeito moderno, em uma crise com as instituições a exemplo da família(Freud, 2014).

O personagem vivencia essa perda de um objeto não claro entre o passado e o futuro (sem perspectiva de retornar ou ter para onde ir), essa percepção de vazio, o coloca em uma ambivalência de amor e ódio que o posiciona em frequente autocrítica, o personagem diante de tudo isso, tem a libido voltada pra si, e assim como narciso, ele se encontra impossibilitado de contemplar terceiros, com sintomas obsessivos de um ego fragilizado, em um conflito que não evolui em um acúmulo de investimento que não permite a transição ao estado de mania, com uma libido regressa ao narcisismo (Freud, 2014).

Essa postura do sujeito que existe em um vazio, o perturba não por culpa, mas por excesso de informação, tão qual o Édipo, sem ter seres mágicos para responsabilizar por sua ruína e se achando o único lúcido em uma cultura de seres que segundo ele não valem o esforço do contato, o homem ridículo busca então o suicídio. A caminho de realizar o ato, o personagem nega socorro a uma criança e a cena é retrata como metáfora a postura de não investimento nas relações, em prol do pensamento de não retorno desse investimento de forma que o mesmo se indaga em um monólogo racional e emocional, do porquê de sentir culpa ou vergonha por não ter ajudado a criança, se é o nada é que lhe espera após o ato do suicídio (Dostoiévski, 2011).

O sujeito tenta realizar o suicídio, e no livro não fica explícito o êxito ou fracasso, pois na reflexão que o fez adiar o disparo da arma de fogo, ao refletir sobre o ato de suicidar-se, o protagonista questiona sobre a indiferença da natureza e a vergonha em uma situação de êxito na morte, e é direcionado a um deslumbre onírico em que o mesmo é encaminhado a uma realidade diferente, o autor vem descrever tal manifestação do “sonhar”, como um salto não a

razão, mas ao “desejo” (Dostoiévski, 2011).

O personagem se vê no ato suicida, contempla seu enterro e sua vida póstuma, assim como sua frustração pela existência de uma mente consciente após o ato, se descreve levado por um ser não humano pelo universo, em direção a uma versão alternativa de seu planeta nativo (a terra), contudo, aquela terra era inversa a sua em essência, pois lá, não havia a angústia ou qualquer motivo para isso (Dostoiévski, 2011).

Pode-se aperceber no sonho um processo de conflito de percepções, aquilo que ele alega vê no mundo desperto, ele não consegue perceber em seu mundo onírico, o simbólico desta maneira se manifesta de uma forma conflituosa, pois o mesmo sente o atrativo, no entanto não se permite a experiência do deleite, o que mostra uma dificuldade de relacionar-se onde isso não é opcional, pois naquele mundo a felicidade por parte de seus conterrâneos era plena, logo o mesmo não iria reencenar (encenar com intuito de gozo) a experiência anterior a seu sono, quando a criança lhe buscou pelo sentimento de incompletude, lhe guiou a buscar no outro a realização de sua vontade, pois naquele mundo o “pai da horda”, como diria Freud (1978), nunca foi morto, e o sentimento de abandono (ou a “ falta” tão sentida pelo neurótico) não se fez presente (Freud, 2019).

O homem ridículo, descreve sua relação com os seres de seu mundo, como uma “melancolia invocatória”, pois em sua indiferença, ele não conseguia estabelecer relações de ódio ou amor e muito menos ser compreendido em sua ambiguidade, em sua melancolia ele se fazia inibido em suas relações com o outro, desta vez sentia similar dificuldade de estabelecer vínculo, pois aqueles seres não sentiam a “falta”, pois eram completos, contudo, esse sentimento de incompletude ainda presente no homem ridículo o despertava um ressentimento, que envergonhado, se disfarçava de “solidariedade e precaução”, o personagem se vê em um desejo de levar conflitos para aqueles seres completos, ao lhes falar dos cuidados que eles deveriam ter com o mal que lhe era comum em seu mundo, ele tinha o real desejo de ver aquele mal presente entre os seres do mundo ideal, para que assim o homem ridículo pudesse vivenciar o gozo da lucidez que aparece como sendo uma estranha forma de justificar um comportamento “pedante”, vivido no estado melancólico, se colocando como um ser que vive aflito e cansado, por supostamente perceber uma verdade que lhe impede de ver beleza na existência de um mundo corrompido! “Quando se tornaram “maus”” Dostoiévski (2003, p. 118), começaram a falar em fraternidade e humanidade e entenderam essas ideias”, foi ao narrar o processo de civilização daquele povo do mundo que agora já não

era perfeito, com os seres que já não acreditavam que um dia foram seres inocentes ou felizes na sua ignorância, chamando tal passado de ilusão, que o homem ridículo percebeu que seu ceticismo poderia se dar por tal causa, ou seja, que em seu mundo, o processo poderia ter sido o mesmo e portanto existia uma gênese boa no homem, que foi corrompida, assim como ele corrompeu aquele povo (Freud, 1978)!

O presente trabalho realiza a função de se atentar a análise investigativa da natureza psicológica e psicanalítica presente na obra de Dostoiévski, o sonho de um homem ridículo, investigando a natureza do sonho segundo a obra freudiana e fazendo uso da mesma pra enxergar sobre nova ótica a relação do caso estudado com a formação melancólica do sujeito (Freud, 1974).

2 Métodos

2.1 Delineamento e Hipótese

O seguinte trabalho se trata de uma pesquisa de natureza qualitativa (um ensaio de natureza teórica, ou seja: uma modalidade de escrita que diz respeito a análise de um determinado texto ou tema, visando a exposição e interpretação do autor perante a ótica de mais de uma perspectiva sobre o mesmo tema), que parte do objetivo de retratar as relações da psicanálise na obra de Dostoiévski, tendo por hipótese a existência dessa relação epistemológica, por meio da análise de personagem/obra do mesmo autor (Meneghetti, 2001).

A pesquisa parte do pressuposto da existência de relações de cunho psicanalítico ofertado pela obra, assim como a relevância da obra para pensarmos a melancolia no mundo contemporâneo (Freud. 1974).

2.2 Sujeitos da pesquisa

Será abordada a obra “o sonho de um homem ridículo”, obra do escritor russo Fiódor Dostoiévski, que narra uma estória com um locutor personagem que manifesta uma experiência onírica, que será analisada como se fosse um caso. Assim como as obras que compõe a obra de Sigmund Freud e artigos dentro da temática.

2.3 Forma de obtenção dos dados

A pesquisa foi realizada por meio da leitura das obras mencionadas a cima.

2.4 Análise de Dados

A principal obra a ofertar o conteúdo analisado, foi “O sonho de um homem ridículo”, esse por sua vez, veio a oferecer a maior parte dos dados, por meio da narrativa do locutor personagem e suas experiências como sujeito a cerca de sua vivencia onírica. A análise contemplou as contribuições freudianas em livros que serviram como meio para compreensão do texto a exemplo de: a interpretação dos sonhos, totem e tabu, luto e melancolia, entre outros.

3 Resultados e Discussão

O homem ridículo sente uma culpa absurda, porem um enorme gozo não verbalizado, mostrando que por meio da culpa, e não da fé, se move montanhas (Freud, 2019)!

“Que seja, foi o meu coração que gerou o meu sonho, mas será que o meu coração tinha forças para gerar sozinho aquela horrível verdade que depois se passou comigo? Como é que eu sozinho pude fantasiá-la ou sonhá-la com o coração? Será possível que o meu coração miúdo e a minha razão caprichosa, insignificante, tenham sido capazes de se elevar a tal revelação da verdade? Ah, julguem por si mesmos: por enquanto eu escondi, mas agora vou contar até o fim essa verdade também. O fato é que eu... perverti todos eles (Dostoiévski, 2011, p. 116)!”

Quando desperto, após a conclusão do sonho, o protagonista vem a sentir uma responsabilidade que também se manifesta como sentido de vida, de ser o “portador de uma boa nova”, aquele que está imerso no narcisismo de ser o conhecedor de como seria o mundo ideal, “o paraíso perdido”, no qual era presente o ser humano bom, que a posteriori foi corrompido, aquilo implicava em uma origem e também por meio do regresso um futuro a se obter “um mundo fora da caverna” ou nas palavras bíblicas: “a terra prometida”, e não mais pela melancolia, agora o protagonista se inseria no mundo como alguém disperso por excesso de uma suposta lucidez (Freud, 1908).

A literatura psicanalítica veio alegar que em todo sonho existe um “umbigo”, que é a ligação com o desconhecido (unerkannte), é nesta parte intrinsecamente fechada que se encontra o “desejo” do sonho, que se realiza simbolicamente no espaço onírico, em coisas ambíguas que pode ser vista como as múltiplas partes de um sonho, ou a presença de elementos

dissonantes, mas que ainda assim se estabelece uma conectividade causal. O sonho retoma uma reconstrução de um desejo recalçado, através do reenviar de imagens para uma segunda leitura. O que viria a ser o desejo? Segundo a psicanálise, se pode ler esse desejo como um retorno a esse traço anterior, que por mais das vezes, possa ser o que se realiza o gozo através da repetição na esfera do real, e não necessariamente em uma oposição entre o estado de vigília e o onírico, porém em achar no simbólico a causalidade (Freud, 2019).

O homem ridículo, se apercebe como causador da ruína daquele mundo, que agora era idêntico ao seu, pois aparentemente, o gozo do mesmo era em ser melancólico e aflito, tanto que em um mundo no qual isso não se justificasse, ele não conseguia desfrutar prazer, de forma que sua vaidade em ser lúcido, só podia se dar em prol da relação com o outro que não o fosse. O paralelo realizado com esse processo de “crucificação”, retoma a ideia messiânica ao traçar um simbolismo com a figura de Jesus, dando ao entender que o protagonista seria uma metáfora para o mesmo, que incomodado com a natureza humana na terra, vai para um mundo em que não houve o pecado original que criou tal natureza, e nesse mundo ele se tornou a “serpente” da narrativa bíblica, para que ao retornar ao seu mundo desgraçado, ele pudesse adotar uma postura de salvador que tenta transformar seu mundo condenado em um paraíso perdido, do qual foi expulso, mostrando uma relação de gozo realizado pela repetição na esfera de que o dilema que ele verbaliza no princípio da obra, se resolve neste unerkannte, pois o umbigo é um resto que representa origem e também destino, nessa relação evocada do personagem em retorno, embora o mesmo possua uma espécie de recalque primordial (urverdrängung) ao não perceber esse processo cíclico em sua vaidade, de lutar por um paraíso que ele repudia, pois o mesmo só é “messias” em um mundo condenado (Freud, 1956).

Surge então a proposta de um sistema totêmico que por meio da transferência, funda uma espécie de “delírio messiânico narcísico” (será a forma como se reportar ao manejo do protagonista da obra, em se converter em messias como forma de lidar com sua frustração e redirecionar sua angustia), para por meio disto realizar uma fuga através do redirecionamento da libido (Freud, 2014).

É por meio desse processo que o autor estabelece uma dicotomia entre amor a um paraíso perdido e o alto ódio por não ter um mundo organizado a seu favor, ao tratar o melancólico como um narcisista insatisfeito com sua realidade não ser uma expansão do relacionamento idealizado de um pai perfeito e de uma relação de gratificação por bom

comportamento, visto na infância e replicado na fé dos adultos. Dostoiévski retrata a fuga do estado de melancolia em pro desta postura narcísica na qual o niilista passivo se torna um niilista negativo ou reativo, os três rejeitam a vida como ela é, porém os dois últimos a rejeitam em troca de outra em um mundo idealizado e não mais como alguém que se nega a viver, mostrando-se agora como um sujeito ativo e produtivo, embora embriagado não mais pelo cansaço e soberba de se achar o único lúcido, mas como alguém que se sente culpado, porém com um sentido de retratação e responsabilidade, que dessa vez o condena a viver, porém com esperança (Freud, 1956).

A obra de Dostoiévski, em muitos momentos estabelece uma relação atemporal com nosso tempo, pois em adversos momentos percebemos como o personagem do homem ridículo se mostra em sua melancolia, similar ao homem contemporâneo, que em muito se encontra com profunda dificuldade de estabelecer vínculo, pela profunda fragilidade das relações no mundo interpretado por pensadores como Zigmund Bauman (2001), como sendo “líquido”, um mundo do agora. Muitos adotam a postura de não se inserir ou produzir por certeza do não reembolso do investimento afetivo em virtude da velocidade com a qual as coisas se modificam e o sentimento de angústia pelo vazio presente nessa sociedade de consumo, por tanto de liquidez ao aperceber a pobreza das relações para com o outro e consigo. A “falta” é presente no ser humano, e não saber lidar com a mesma também, pois o niilismo (negação da vida) embora seja uma concepção de mais de dois séculos atrás, ainda é mais que presente na sociedade moderna. O niilismo negativo (negação da vida e de viver) é ainda hoje uma postura comum, interpretada na obra de Dostoiévski como algo prejudicial a sociedade, e na obra a alternativa a essa melancolia ou niilismo passivo, seria a adoção de um niilismo negativo (negação da vida como ela é, em prol de uma suposta vida ideal em um mundo a se buscar), seja pela fé ou ideal político, sendo uma forma indireta de sublimar esse embotamento da libido (Freud, 1956).

Na corrente de pensamento que vem a tratar do absurdo (perspectiva de que a vida refere-se a um conflito ideológico entre a tendência de buscar sentido e a inabilidade humana de encontrá-lo, em resumo o absurdo é o que não nos faz sentido. Ridículo é uma forma de se referir a tal significado de “absurdo” no contexto do conto), nos deparamos com autores como Kierkegaard (2017), que em sua obra veio a tratar da angústia e os meios pelos quais o ser escapa da mesma (essa angústia se faz presente em um contexto no qual o “fenomenológico”(Deus a exemplo) não se mostra como evidencia suficiente de causa, por

tanto o desamparo se instala e surge a angustia) que seriam o estágio “estético” (a busca de fuga da angustia por meio da transferência para o prazer estético, que Kierkegaard(2017) chama de “dom juanismo”), o estágio “ético” (que viria a ser a fuga da angustia por meio de um comportamento exemplar) e o estágio “religioso” (no qual o ser adota uma postura de seguir um conjunto de normas que regem sua vida, ou aquele que o sujeito “salta” na fé, sem o uso da razão propriamente dita ou se atenta a uma norma pré-estabelecida), sendo apenas a terceira (no contexto do salto), como plausível segundo o autor (Kierkegaard, 2017).

Os três se mostram falhos segundo o autor, em virtude da angustia achar novos meios de se fazer presente, porem se percebe na obra de Kierkegaard assim como na de Dostoiévski, um certo otimismo ao segundo método do terceiro estágio descrito por Kierkegaard. Já Freud (2014), viria trazer uma certa preocupação, pois frente a perda imaginaria do objeto de desejo, o ego viria se encontrar punido pelo superego, que descarregaria o que viria a ser uma pulsão de morte no ego, gerando a culpa e angustia novamente, mostrando pouco eficaz a ação de transferência do sujeito. O personagem do livro se achava indisposto a aderir a qualquer uma das formas descritas, porem a angustia ainda se fazia presente, foi aí que o homem ridículo, aderiu ao ato absurdo (o suicídio) que finda com o absurdo (Alves, 2016).

A obra em questão do sonho do homem ridículo, vem traçar uma dicotomia entre o “crer ou não crer”, dando ao entender que parece não existir uma terceira via, o que é compreensível, pois o mesmo escreveu essa obra na juventude, a qual embriagado pelo sonho do que no futuro seria a revolução russa, o autor parecia preocupado com o ceticismo que trouxesse a tona uma espécie de humano sem medo de punição ou apego as relações, que fosse sempre um “perverso” em potencial por desconsiderar valores ou tradições, assim como a possibilidade de um futuro. O que talvez ele não percebesse na época, era a possibilidade de um ser que não precisasse sonhar com mundos mágicos, e que ao invés disso, enxergasse a realidade como ela é, porém sem se entregar ao desespero, que é a perspectiva implícita da postura do personagem em ambos os momentos da narrativa. A sublimação ou o processo de análise ainda não presente na sociedade russa daquele período, como termo em exercício segundo os pormenores da psicanálise freudiana, seria uma alternativa para o sujeito lidar com sua angustia e vaidade, sem necessariamente aderir a vaidade do messianismo ou uma melancolia persistente (Freud, 1956).

O que hoje é mais que alternativa ao cidadão contemporâneo que quando afligido por

tal angustia, tem como verbalizar e desenvolver seu empecilho a produtividade tão aclamada e temida nesse mundo de produção e renda (Bauman, 2001).

4 Considerações Finais

O trabalho conseguiu atingir os objetivos esperados, não somente em achar um paralelo entre a obra de Dostoiévski e a psicanálise de Sigmund Freud, como o paralelo do melancólico descrito no livro e sua existência encarnada no homem contemporâneo. Ao longo do estudo se obteve novas interpretações sobre a obra, em virtude de que todo texto, além do sentido consagrado pela tradição comporta diferentes interpretações decorrentes do olhar de um outro contexto histórico, e o portanto o presente trabalho se mostra como uma nova esfera possível de observação para um mesmo fenômeno, ao passo que resgatou uma prática da gênese da psicanálise, em virtude de Freud fazer uso da literatura e filosofia em momentos de concepção acerca dos múltiplos casos que abordou ao longo de sua carreira, sendo a análise de obras literárias a luz da psicanálise, uma prática corriqueira na gênese da área (Freud, 1996).

O estudo apresentou contribuições para novas análises em outras obras do autor que se mostra tão atual, dando continuidade ao que Freud iniciou em sua análise da obra dos irmãos Karamazov, o seguinte trabalho veio dar certo andamento a novos haveres para trabalhos futuros, mostrando a possibilidade da realização de estudos seguintes acerca das demais obras do escritor russo, pois as mesmas são manifestações realizadas por meio da sublimação, não somente do escritor em questão, como também de seu tempo, tendo em vista que Dostoiévski foi um grande representante do espírito de sua época (Völkerpsychologie), a compreensão desses textos, ou melhor dizendo “da psique” da obra, é uma prática legítima na compreensão de um fenômeno em sua historicidade, não somente na obra dostoiévskiana como de outros autores em seus respectivos tempos e áreas, assim como Freud vem analisar: da Vinci, Dostoiévski e Goethe, seria legítima a adaptação futura da prática ao contexto brasileiro, evidenciando a universalidade da psicanálise. Tão qual apercebemos ao longo do texto, o peso da melancolia e suas estratégias duvidosas de solução, ainda adotadas em nosso século (XXI), e alternativas mais eficazes, a exemplo da sublimação ou mesmo da busca do processo de análise clínica. E por último, não menos importante, no entanto, ponto em aberto na obra original, tão qual no presente trabalho, como recurso proposital, sobre objetivo de permitir

reflexão, a eficácia ou não do recurso da “fé”, como solução para o mal-estar do desamparo moderno e do vazio (Freud, 1956).

Referências Bibliográficas

- Alves, C.E.C.(2016). Kierkegaard, Soren. Temor e Tremor. Reflexão, 41(1), 119-122.
- Bauman, Z. (2001). Modernidade líquida. Editora Schwarcz- Companhia das Letras.
- Costa, A. (2021). Os sonhos como formação social. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, 8(17), 415-431.
- de Carvalho, K. B. (2018). Esboço de um quadro melancólico a teoria de Freud e na literatura de Dostoiévski. *Reverso*, 40(76), 75-81.
- Dostoiévski, F. (2003). Duas narrativas fantásticas. Editora 34
- Freud, S. (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna.
- Freud, S. (1956). *Totem und tabu* (Vol. 147). РиполКлассик.
- Freud, S. (1974). Dostoiévski eo parricídio. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 21, 203-223
- Freud, S. (1978). O mal-estar na civilização: o futuro de uma ilusão. São Paulo: Abril Cultural.
- Freud, S. (1996). Sobre a psicanálise. S. Freud, Obras completas, 12.
- Freud, S. (2014). Luto e melancolia. Editora Cosac Naify.
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. L&PM Editores.
- Freud, S. (2019). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. LeBooks Editora.
- Freud, S.(2014). O homem Moisés e a religião monoteísta. L&PM Editores.
- Freud,S.(2021). Observações sobre um caso de neurose obsessiva [O Homem dos Ratos]:Seguido das anotações originais sobre o caso. L&PM Editores.
- Kierkegaard, S. A. (2017). O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Editora Vozes Limitada.
- Meneghetti,F.K.(2001). O que é um ensaio-teórico?.Revista de administração contemporânea, 15,320-332.
- Shakespeare,W.(2022). A tempestade. Penguin-Companhia.

